

# Revista Adventista

## LIÇÕES DO CINQUENTENÁRIO

Há precisamente cinquenta anos que a Mensagem Adventista começou a ser pregada em Portugal.

A vinda do primeiro missionário constituiu um autêntico acto de fé dos dirigentes deste Movimento e foi o resultado de generosos sacrifícios de muitos crentes que noutros países, e sobretudo na América do Norte, amavam esta Mensagem. Só a eternidade revelará e coroará de glória a anónima abnegação de tantas almas, graças às quais nós hoje nos regozijamos no conhecimento da Verdade.

Temos motivos para nos orgulharmos dos nossos pergaminhos — por pertencermos a uma igreja cujos pioneiros foram dotados de um surpreendente espírito de visão e dedicação ao serviço, e cujos membros tão intensamente viveram a vocação missionária do verdadeiro Cristianismo.

E «nada temos a temer para o futuro, a não ser que esqueçamos o caminho pelo qual o Senhor nos guiou, e o Seu ensino na nossa história passada.» — E. G. White, *Life Sketches*, pág. 196.

Tão efémera é a nossa passagem pela Terra, que hoje poucos são os adventistas portugueses da primeira hora. Numerosos são os que descansaram dos seus trabalhos e aguardam, na sepultura, a vinda de Jesus. Diante os nossos olhos perpassam neste momento as figuras queridas de Lucy Portugal e de tantos outros irmãos e irmãs que, depois dela e através dos anos, deixaram um rasto luminoso, inspirando-nos para uma vida mais cristã e mais dedicada ao serviço.

Às vezes perguntamo-nos a nós mesmos se terá sido útil a acção dos adventistas em Portugal durante estes cinquenta anos. A resposta é decididamente afirmativa. Quantas almas não foram arrancadas do pecado e da ignorância, passando a viver uma vida de paz, de amizade com Deus, de obediência, de serviço e de preparação para a eternidade! E estamos certos de

que o número dessas almas ultrapassa em muito a expressão aritmética dos dados fornecidos pelas nossas estatísticas.

A contribuição prestada pelos adventistas em favor do público português, em geral, é de alguma maneira traduzida pelos seguintes números: durante estes cinquenta anos foram distribuídos na nossa terra mais de um milhão de exemplares de folhetos, mais de 250.000 exemplares de livros religiosos e de 150.000 exemplares de livros de educação e saúde, totalizando umas 10.000 páginas. Há treze anos que uma revista de profilaxia — «Saúde e Lar» — está contribuindo para uma vida física e moralmente sã do povo português.

Em presença destes factos, podemos exclamar com o Salmista: «Grandes coisas fez o Senhor por nós, e por isso estamos alegres.» Sal. 126:3.

Quando, porém, examinamos o muito que podíamos ter feito e não fizemos, as oportunidades áureas perdidas e a pobreza espiritual da nossa vida e testemunho, essa alegria tolda-se de irreprimível tristeza e chegamos à conclusão de que «somos servos inúteis».

O nosso campo está em grande parte ainda intacto. Milhares, diremos mesmo, milhões de almas estão-se perdendo nos seus pecados sem que alguém as advirta do perigo e as chame para o privilégio da salvação em Cristo Jesus.

A comemoração deste cinquentenário lança-nos um repto ao qual nos cumpre responder: Até quando deixaremos que essas almas jazam na ignorância e no pecado?

O Senhor deseja usar-nos como Seus instrumentos na medida em que nos esvaziarmos de nós mesmos e nos entregarmos inteiramente a Ele. O que Deus fará por nós se nos deixarmos por Ele conduzir!

Avancemos pela fé e «em Deus faremos proezas.» Sal. 60:12.

E. FERREIRA





O Pastor C. E. Rentfro na *Ilustração Portuguesa* de 1907

Na aurora do século XX muitos povos almejavam mais luz, muitos conhecimentos científicos, e a paz duradoura. Alguns próceres asseguravam ao Mundo que, enfim, chegara a regeneração utópica delineada por Sir Thomas More (1478-1535).

## O pioneiro C. E. Rentfro

Mas os profetas das Escrituras Sagradas escreveram que na mesma era em que os homens andariam a proclamar «há paz e segurança», os servos de Deus deveriam anunciar uma mensagem bem distinta a cada nação e povo. A profecia das «guerras e de rumores de guerras» constituía tópico presente na pregação como um dos sinais da segunda vinda de Cristo ao Mundo, muito antes de que as crises mundiais se tornassem coisa comum.

Assim pois, em traços ligeiros, este resumo histórico apresenta os perfis do nosso próprio século ao ribombar de destruição atômica, sob as ameaças de um terceiro conflito mundial com as novas bombas de hidrogénio.

Mas o nosso Deus nos adverte que olhe-

*É com particular satisfação que publicamos o artigo que vai ler-se, especialmente preparado para este número da Revista Adventista, por Carlos A. Rentfro, filho do mais antigo pioneiro do nosso Movimento em Portugal.*

mos mais além. Ele desenvolve um panorama deslumbrante da Sua igreja, movendo-se sempre em direcção ao Céu. No entanto o local da sua peregrinação se estende em meio de lutas turbulentas. Assim, pois, na história denominacional o ano de 1904 denota mais um marco a caminho de terras Católicas e também pagãs com a mensagem anunciando o fim dos nossos tempos.

Nesse ano os Adventistas do Sétimo Dia também vieram a Portugal para anunciar crenças pouco populares numa era que produzia homens descrentes. Em todo o Mundo somente umas 85.000 pessoas compartilhavam essas crenças, mas *ninguém* em Portugal, ao menos abertamente.

Os tempos produziram visível modificação depois de duas guerras mundiais haverem confirmado a certeza dos ensinamentos adventistas baseados na palavra de Deus. Hoje contam-se mais de dez vezes esse número de crentes pelo Mundo, enquanto observamos por uns instantes a passagem

do áureo cinquentenário da vinda da mensagem adventista a Portugal. Por esta causa exclamamos em termos Cristãos: «*Que prodígios Deus há executado!*»

Já passam cinquenta anos desde que a Junta de Missões dos Adventistas do Sétimo Dia escolheu a Clarence E. Rentfro e Mary L. Haskell Rentfro, os pais deste correspondente, para iniciar a obra pioneira em Portugal.

Como os meus progenitores se prepararam para o serviço missionário nesse país dos *Lusíadas* (terra que o Apóstolo João viu em suas visões Apocalípticas durante o exílio na ilha de Patmos) e como eles trabalharam, será descrito com o auxílio de um diário que o meu pai deixou atrás na sua biblioteca.



Clarence Emerson Rentrfo nasceu em Sigourney, Iowa, Estados Unidos da América, aos 23 de Julho de 1877. O seu pai foi James Allen Rentrfo, um veterano sargento da Guerra Civil entre os estados da América. Depois dessa guerra este aceitou a verdade adventista. Sua mãe, Aurilla Curtis Rentrfo, também era Adventista do Sétimo Dia já de muitos anos. Ela era prima-irmã de S. Ex.<sup>a</sup> o Senhor Charles Curtis, representante do Estado de Kansas no Congresso Americano, depois eleito Vice-Presidente dos Estados Unidos no Gabinete do Presidente Herbert Hoover em 1928-1932.

C. E. Rentrfo deixou esta vida aos setenta e quatro anos de idade, a 3 de Setembro de 1951, em Covina, Califórnia. Minha mãe viúva, Mary L. Rentrfo, colaborou conosco na preparação desta biografia, ademais do auxílio de minha irmã Marian, esposa do dr. W. DeGrove Padgett, ambos residentes em Baldwin Park, Califórnia, e de meu irmão Curtis S. Rentrfo, técnico de laboratório em raios X, em Fullerton, Califórnia. Meu irmão e irmã, a propósito, nasceram em Lisboa. (E minhas próprias filhas, Arloene Yvonne e Elaine, nasceram em São Paulo, no Brasil).

O velho diário, publicado em Boston, diz no prefácio, em parte:

«Suponhamos que se inscrevam numa ou duas linhas essas memórias mais dignas de lembrança. Este livro assumirá grande valor em anos vindouros. Que arquivo de eventos, incidentes, alegrias, tristezas, sucessos, mau êxito, coisas completadas, planos atentados!...»

*Assim, pois, se deu exactamente!*

Na página número 1, C. E. Rentrfo, já de vinte e seis anos de idade, propõe-se «obrar pelo Mestre» desde a sexta-feira, 1.º de Janeiro de 1904. Lindo meio de abrir um diário novo em folha — o primeiro dia a viver, no princípio de todo esse ano desconhecido; enfim, ainda quatro anos mais comprimidos entre as capas desse livro!

O modo pelo qual Clarence Rentrfo e Mary Haskell se prepararam para a obra no ultramar, nem um nem a outra sabendo disso a princípio, é um relato que se deve saber para demonstrar como Deus dirige e escolhe as Suas testemunhas pela verdade.

Mary colportou cinco longos anos e também estudou enfermagem no sanatório de Des Moines, Iowa, E. U. A. N. Enquanto viajava pelo campo, conheceu umas freiras residentes em convento, por intermédio de uma amiga. Uma delas encomendou o livro

*A Vereda de Cristo*. Mary regressou à noite. A freira escondeu o precioso livrinho e pediu sigilo.

Depois da entrega, o padre visitou os seus paroquianos. Entretanto que uma senhora examinava um livro *O Rei Vindouro*, o padre violentamente lançou mão do volume, atirando-o ao fogo. Essa mesma senhora mais tarde viu que Mary passava, e pediu que entrasse. Comprou um livro igual ao primeiro que ardeu nas chamas.

Despertada por estas experiências, Mary Haskell teve um ardente desejo de levar o evangelho a países Católicos, em particular à Espanha. Por isso começou o estudo desta língua. No mesmo estado um jovem preparava-se para o ministério. Clarence Rentrfo também teve experiências simi-



O missionário C. Rentrfo, sua esposa e filhos com o colportor João de Sá, na sua residência em Caxias, no princípio de Novembro de 1908

lares que o levaram a estudar o espanhol. Ele chegou a conhecer Mary nas reuniões anuais de obreiros. Casaram-se aos 11 de Junho de 1903, uma semana depois da sua formatura na Escola de Enfermagem do Sanatório de Iowa.

Durante o Inverno de 1903-1904 eles dirigiram reuniões públicas numa localidade Católica. Numa noite fria alguns ouvintes mal-intencionados jogaram água congelada aos obreiros adventistas, obrigando-os a sair da sala. No Verão seguinte levantaram um pavilhão na mesma cidade. L. F. Starr, o presidente da Conferência de Iowa, baptizou os conversos.

Durante as reuniões anuais Clarence e Mary encontraram-se com o Pastor W. A.

Spicer, então secretário da Junta de Missões Adventistas Estrangeiras. Fizeram-se planos para irem à Espanha. Saíram de Nova Iorque a 10 de Setembro de 1904.

Ao chegarem a Londres, Inglaterra, um cabograma avisava-lhes que fossem a Portugal. Seguiram no paquete *S. S. Madalena*, e aportaram no Rio Tejo, em Lisboa, no dia 26 de Setembro. Em dois dias de busca, alugaram uma casa. O dono exigiu três meses de aluguer adiantados. Com isso achataram a bolsa. Nesses tempos os orçamentos missionários eram limitados.

Aos missionários restavam-lhes poucos mil réis (a moeda de então) para comprar um fogão, várias cadeiras, uma mesa, vassoura e comida. Fizeram a cama de restos de madeira; e umas cordas serviram para as molas da armazón.

Em 7 de Outubro começaram o estudo da língua portuguesa. O irmão Clarence dominou o português como poucos estrangeiros puderam, tanto na palavra, como no escrever. O seu conhecimento da música auxiliou-o na tradução de muitos hinos contendo a mensagem adventista. Um deles é o número 313 do *Hinário Adventista* (edição portuguesa): *Quando o Rei Buscar os Seus*. Ao fim do canto aparece esta nota: «Este hino foi traduzido pelo missionário Rentfro e cantado a primeira vez na Igreja do Porto em 1912.»

Volvendo-nos aos fins de 1904 achamos que há no diário este apontamento na sexta-feira, 21 de Outubro: «Comemos metade de um pão ao almoço.» (Por bem dizer, nada mais tinham para comer). Três dias mais tarde disseram: «Estamos racionados agora»; e a 6 de Novembro as suas esperanças foram despertadas com «a surpresa agradável e bênção de Deus ao rece-

ber a boa *Revista* (Adventista).» «Mais dinheiro a caminho. Quebramos o jejum.» (A revista mencionada era a da edição americana). A remessa veio mas não deu para as necessidades. (Minha mãe disse-me que eram apenas cinco dólares — \$5.00).

No dia 18 de Novembro achavam-se em circunstâncias precárias. Clarence empenhou o relógio. A sua esposa, a irmã Maria, estava dando de mamar ao filhinho Carlos, nascido seis meses antes de partirem da América. No almoço sobejavam-lhes somente pão, sopa de batatas, sem manteiga, nem cereais, ou leite. No dia seguinte ficaram reduzidos a pão e água.

As chuvas inverniaes começavam, e já fazia frio em Lisboa. Como recurso extremo fizeram lenha da cama, e dormiram no soalho num colchão de palha.

O irmão Clarence procurou vender algumas publicações vindas do Brasil, sendo uma delas o já antigo periódico *O Arauto da Verdade*. Dessa venda resultaram dois preciosos pães para dar de comer à família faminta, além de alimentar almas espiritualmente. No dia seguinte não logrou vender coisa alguma.

Teve de empenhar o violino.

Os missionários estavam fraquíssimos em fins de Novembro de 1904, e passando frio. Algumas linhas no diário aparecem na mão da irmã Maria. Ela escreveu que o irmão Clarence se achava fraco demais para andar e vender revistas para viver. O seu salário afinal veio do escritório da antiga União Latina, e regularmente depois. A carta com a remessa havia-se extraviado; alguém, mas sem querer, havia endereçado a carta a Portugal, Espanha, não sabendo que Portugal não é unido à Espanha politicamente.



O Pastor C. E. Rentfro e sua esposa, poucos anos antes de falecer



Mas é de admirar que os bons missionários não registaram sequer uma queixa no diário, mas recordaram que «o Senhor é bom; quando nos voltamos a Ele, então ajuda-nos.»

Ainda que os missionários estivessem temporariamente em apuros, e sem amparo de amigos, eles inscreveram no seu livro de actas o que haviam feito pelo Mestre logo depois de chegar ao campo de trabalho, em fins de 1904:

«Onze visitas missionárias; quatro estudos bíblicos; nove reuniões e sermões; três cartas missionárias (além de outras cartas pessoais e artigos); quinhentos e quarenta e nove revistas e tratados vendidos ou dados; trinta e quatro dias de estudo e lições de português.»

O pastor Clarence pregou o seu primeiro sermão em português a 17 de Abril de 1906. Após meses de trabalho dedicado e muitas orações aparece no seu diário de 19 de Maio de 1906, o seguinte: «A sr.<sup>a</sup> Lucy Portugal começou a guarda do Sábado. Os nossos corações regozijam-se, primeira crente em Portugal.» Todos os estudantes da Bíblia eram somente doze então.

A Irmã Portugal (muito simbólico que levasse o nome da sua terra adoptiva!) era uma senhora inglesa da igreja anglicana, casada com um actor português. Ela e mais três pessoas foram baptizadas numa noite escura de sexta-feira, às 20 horas, no mar agitado, perto da embocadura do rio Tejo, aos 21 de Setembro de 1906, pelo Pastor Ernesto Schwantes. Ele havia vindo do Brasil para ajudar na obra na cidade do Porto.

A Imprensa afinal deu-se conta da nova religião que veio a Lisboa. A *Ilustração Portuguesa*, de 15 de Abril de 1907, publicou uma fotografia de C. E. Rentfro no púlpito com estampas proféticas na parede. O comentarista escreveu que «o método de ensino da sua doutrina consistia principalmente em panos pintados, onde estão inscritos versículos do Velho e Novo Testamento, ... cujo significado simbólico não é, por vezes, muito fácil de apreender.»

Estes ensinamentos produziram os seus frutos espirituais. Hoje na União Portuguesa há aproximadamente 2.500 pessoas guardando o Sábado, ou inscritos na Escola Sabatina. Cerca de 2.000 são membros baptizados.

O irmão Clarence E. Rentfro foi consagrado ao ministério no dia 25 de Maio de 1907 numa reunião anual em Gland, Suíça, pelo Pastor A. G. Daniells, então presidente da Conferência Geral dos Adventis-

tas. Mas o Pastor Clarence não cessou de melhorar os seus conhecimentos das Escrituras e da história. Ele estudou o grego por correspondência. Adquiriu também uma biblioteca volumosa, e bem assim Bíblias antigas e muitas versões em várias línguas da Europa.

A irmã Mary Rentfro também exerceu a sua profissão de enfermeira no cuidado dos enfermos e necessitados. A casa real de Portugal pediu a sua presença quando um de seu número se enfermou. Ela continuou esta nobre profissão para mais de cinquenta anos, sempre fiel às ordens do Seu Mestre Divino.

Num antigo livro das actas da Escola Sabatina de Lisboa aparece esta nota impressionante com referência ao Sábado, 8 de Outubro de 1910:

«Por não se poderem reunir os membros, devido à revolução de 5 de Outubro, que implantou a República em Portugal, não houve culto.»

Nesses dias agitados, vivíamos em Caxias (subúrbio de Lisboa) numa linda estância com «chalet». Nos princípios desse ano vimos o Cometa Halley antes do amanhecer. Muitas pessoas supersticiosas ao nosso redor pensavam que o Mundo chegara ao seu fim nesse mesmo dia.

Quando estalou a revolução, os comboios não corriam mais, e ficámos isolados da capital (Lisboa), onde a maioria dos crentes viviam. O Pastor Rentfro (meu pai), saiu a ver os crentes logo que os comboios transitaram de novo. Mas as balas ainda estavam estalando. Ele animou os irmãos com a sua coragem e presença nos seus lares, ainda em plena revolução.

Elementos revoltosos e fanáticos procuraram restabelecer a monarquia em 1912. Várias casas de culto Protestantes foram destruídas. Dezasseis homens procuraram promover desordem na sala de culto dos adventistas, mas estes apitaram pela polícia. Os agitadores fugiram desordenados, mas a guarda nacional logrou apanhar o chefe, o último a sair da sala. Foi condenado a seis meses de cadeia.

Após a declaração da liberdade dos cultos e da Imprensa, o meu pai conseguiu publicar tratados e também os *Sinais dos Tempos* em português. Em 1911 fomos viver na cidade do Porto e o número de crentes aumentava aos poucos, com o auxílio de Deus.

Dias mais animadores vieram aos nossos crentes em Portugal no decorrer dos anos,

## EM PORTUGAL

O MOVIMENTO ADVENTISTA

NOS PASSADOS 50 ANOS



O Pastor Lowe baptizando uma crente de Portalegre

Em Setembro de 1904, chegava a Lisboa o primeiro missionário adventista em Portugal — C. E. Rentfro, dos Estados Unidos.

Sem portas abertas onde pudesse pregar o Evangelho, foi residir para Caxias, donde, ao mesmo tempo que procurava treinar-se no português, ia tentando a nobre tarefa de ganhar almas.

Em Junho de 1906, juntava-se-lhe outro obreiro — Ernesto Schwantes — que, depois de uma curta estadia em Lisboa, iniciou o trabalho no Porto, no final desse mesmo ano.

Justamente dois anos após a chegada de C. E. Rentfro celebrar-se-ia a histórica cerimónia dos primeiros baptismos, no dia 21 de Setembro de 1906, em Carcavelos, já de noite, por um dos candidatos ser menor e se recearem dificuldades com as autoridades. Foi ministrante E. Schwantes. Eram quatro os candidatos, que desceram às águas pela ordem seguinte: Maria Mor-

gado de Figueiredo, Lucy Portugal <sup>(1)</sup>, António Vítor de Figueiredo e Alberto Carlos de Figueiredo.

No dia seguinte, 22 de Setembro, realizou-se a inauguração da nossa primeira sala de culto no edifício azulejado que ainda hoje se pode ver na Rua de S. Bernardo, à Estrela, 120, 1.º. Teve então lugar a cerimónia da Santa Ceia presidida por E. Schwantes.

Nessa mesma sala durante algum tempo continuaram regularmente as reuniões, que se efectuavam às quartas e Sábados.

(1) Esta irmã, viúva do actor Portugal, de nacionalidade inglesa, fora encontrada pelo Pastor Rentfro na Igreja Anglicana de S. Jorge, à Estrela. Foi em sua casa, na Rua dos Industriais, 9, 2.º, que pela primeira vez se reuniu uma Escola Sabatina em Portugal. Durante muitos anos exerceu com fidelidade as funções de Secretária e Tesoureira na Igreja de Lisboa, vindo a falecer plácida em 28 de Novembro de 1925. Jaz sepultada no cemitério inglês.



Para avaliar a impressão que ao público daria o Movimento, é curiosa a leitura de alguns períodos da *Ilustração Portuguesa*, de 15 de Abril de 1907, no artigo intitulado «Nova Religião em Portugal — A Igreja Adventista»:

«... A religião adventista, que há três anos apareceu em Lisboa, é um desses rebentos da árvore evangélica, novo de pouco mais de meio século... O apóstolo incumbido de nos trazer a boa palavra foi o sr. Rentfro, que desde Setembro de 1904 se acha entre nós a pregá-la, tendo conseguido já obter uma dúzia incompleta de adeptos...»

Depois de apresentar à sua maneira, não sem uma ponta de ironia, a doutrina adventista, conclui:

«Tal é a doutrina que se prega, às quartas-feiras e sábados, na modesta sala de uma casa vulgar da Rua de S. Bernardo, onde está o templo adventista. Esse templo não possui imagens, e a sua decoração é simples, consistindo principalmente em painéis pintados, onde estão inscritos versículos do Velho e Novo Testamento, e números para a comparação de diversos textos bíblicos entre si, ou desenhadas figuras cujo significado simbólico não é, por vezes, muito fácil de aprender.»

Como acabamos de constatar, foram decididamente modestos os começos do Movimento Adventista em Portugal.

Eis o relatório apresentado por C. E. Rentfro, em Agosto de 1909, na assembleia da União Latina: «No decurso destes dois últimos anos, tivemos reuniões em Lisboa e no Porto, as duas principais cidades de Portugal. Na primeira temos um local com uma centena de lugares; o auditório varia entre quarenta e cinquenta pessoas. As reuniões têm lugar quatro vezes por semana, incluindo o Sábado. Em Janeiro, tivemos três baptismos; outras três pessoas foram baptizadas em Junho. Outras sê-lo-ão em breve. Depois da partida de Ernesto Schwantes para o Brasil, fui secundado por um colportor; em Abril, começou a trabalhar um segundo colportor. Desfrutamos completa liberdade em Portugal, e aproveitamos esse privilégio para espalhar a verdade.»

Apesar de modesto o Movimento, nem por isso era poupado à sanha anti-religiosa e malcriada de muitos alfacinhas que, nesses tempos agitados, chegavam a entrar pela sala de culto e a interromper desordenadamente as reuniões.

Sob este ponto de vista, distinguiram-se os tempos mais próximos da proclamação

da República, em 1910. No Livro das Actas da Escola Sabatina da Igreja de Lisboa, podemos ainda ler esta nota, de bom sabor da época, referente ao Sábado 8 de Outubro de 1910: «Por não se poderem reunir os membros, devido à revolução de 5 de Outubro, que implantou a República em Portugal, não houve culto.»

C. E. Rentfro continuou à testa da Missão Portuguesa até 1916, data em que foi substituído por Paulo Meyer, que viera para Portugal em 1911, e veio a falecer em condições trágicas no campo de concentração de Dachau, Alemanha, em 1945. Dirigiu o Movimento até Abril de 1924.

Foi durante o seu tempo que pela primeira vez se realizou a Campanha das Missões em Portugal. Interessante, a pro-



O Pastor Guenin (de óculos) com um grupo de recém-baptizados

pósito, a transcrição de uma acta de 8 de Outubro de 1921: «Iniciou-se este ano entre nós a Campanha do Outono, cujos resultados foram muito animadores, tendo-se salientado alguns irmãos pelos esforços que empregaram para angariar donativos, que atingiram a importância de 2.585\$74 centavos.»

Quando este irmão saiu do nosso País, a sede da Missão Portuguesa deixava de ser uma humilde casa alugada para passar para o belo edifício que hoje se admira na Rua Joaquim Bonifácio, 17.

Seguiu-se como director J. C. Guenin, hoje na Suíça, que entre nós se demorou apenas um ano aproximadamente — até 1 de Junho de 1925.

Nesta data foi substituído por H. W. Lowe, actualmente secretário associado do Departamento da Escola Sabatina da Con-





Alguns dos primeiros crentes de Portalegre, vendo-se ao centro, em cima, o irmão Paulo Meyer

ferência Geral, que esteve à frente do Movimento no nosso País até meados de 1928.

Desde essa data até 1930, a Missão Portuguesa passa por um período de transição, sem director permanente entre nós.

Eis o interessante juízo que de nós faz, então, em 20 de Fevereiro de 1930, o *Diário de Lisboa*, pela pena do seu redactor Aprígio Mafra:

«Na Rua Joaquim Bonifácio, para os lados da Estefânia, há uma igreja que, vista por fora, lembra um teatro ou um museu. Muito limpa, muito gentil, muito airosa, é lá que têm a sua sede os Adventistas de Lisboa e os seus irmãos em crenças espalhados pelo País, num total de 228.

«São poucos ainda; mas com tanta fé evangelizam, com tanta persistência trabalham na propagação da sua doutrina que, dentro em pouco, a avaliar pelos progressos realizados já, bem pode acontecer que milhares de adeptos se lhes associem.

«Na capital há, por enquanto, 128 adventistas com cinco ministros que equivalem aos sacerdotes católicos na prática do culto...

«O sr. Alberto Fernandes Raposo, o sr. António Dias Gomes, o sr. Manuel Lourinho, o sr. Fernando Simões e o sr. Júlio Miñan, espanhol, são os padres deste culto interessante que tem por fim anunciar ao Mundo a volta de Cristo nesta geração, e, por causa dele e das suas consequências, a necessidade de uma verdadeira preparação espiritual e física, realizada pelo abandono completo de todos os vícios e pela prática da religião segundo os Evangelhos.»

Desde este mesmo ano de 1930 vemos dirigindo o Movimento H. F. Neumann, vindo dos Estados Unidos. Depois de pouco mais de sete anos entre nós, ultimamente

como pastor das igrejas do Porto e Coimbra, regressou à sua pátria no segundo semestre de 1937, com sua esposa, que se encontrava doente, e seu filho Óscar. Líamos no *Mensageiro do Advento* de então: «Retiram com pena e deixam atrás de si a simpática tristeza dos que com eles conviveram.» No mesmo periódico despedia-se o nosso irmão com as seguintes palavras: «Posso dizer com sinceridade que vos deixo com tristeza. Só o estado de saúde da irmã Neumann e meu me obrigaram a tomar esta decisão. Após uma visita aos nossos parentes e conhecidos, após uma ausência de sete anos, gostaria de continuar a trabalhar pelo povo português a quem aprendi a amar e compreender.»

O dia 26 de Maio de 1935 constitui uma data histórica. A Missão Portuguesa saía do seu casulo e era elevada à categoria de Conferência. Datam de então os seus Estatutos, oficialmente aprovados. À sua frente, como director, ficava António Dias Gomes; como secretário-tesoureiro, Pedro Brito Ribeiro; como vogais do Conselho,



Primeira igreja adventista em Lisboa, na Rua de S. Bernardo (à Estrela)

H. F. Neumann, Manuel Lourinho e Manuel Leal.

Desde então foi dado um notável incremento aos diversos departamentos da Obra. Em 1939, lia-se na revista católica, *Brotéria*: «Uma das seitas mais activas em colher adeptos é a dos Adventistas do Sétimo Dia.»

Em 21 de Setembro desse mesmo ano, passava-se uma nova data histórica — a da criação da União Portuguesa, tendo como director A. J. Girou. Ficavam nela incorporados os campos da Conferência Portuguesa, e das Missões da Madeira, Açores, Cabo Verde e S. Tomé.

Em 21 de Fevereiro de 1941, tinha os seus Estatutos legalmente aprovados. O seu conselho director ficou com a seguinte



Vamos acompanhar os nossos leitores numa viagem através das igrejas adventistas de Portugal, visitando velhos locais de reunião e saudando os obreiros que por lá pregaram a Mensagem.

### Lisboa

A primeira sala que se abriu ao público no País e na Capital ficava situada na Rua de S. Bernardo, à Estrela, 120, 1.º, e foi inaugurada em 1906 por C. E. Rentfro.

Mais ou menos pelo fim de 1907, já estávamos na Rua de S. Bento, 59, 1.º, no prédio que faz esquina com a Calçada da Estrela, e no ano seguinte mudávamo-nos para a mesma Rua de S. Bento, 275, 1.º, Esq. Ali nos detivemos pouco tempo, pois

## ROTEIRO HISTÓRICO DAS IGREJAS ADVENTISTAS DE PORTUGAL

em 1909 pregávamos o Evangelho na Rua da Cruz dos Poiais, 80, loja. Por 1910, trabalhou temporariamente em Lisboa José Abella, que mais tarde se fixaria definitivamente em Portugal.

Não tardou muito que passássemos para a Rua das Chagas, 9-A. Ali pregou Paulo Meyer por 1911 e 1912, enquanto por esse tempo tínhamos também uma sala na Rua dos Anjos, ao Intendente.

No ano seguinte, já nos encontrávamos na Trav. de S. Vicente, 3, à Graça, e em 1914 aparecíamos na Calçada de Santo André, 45, 1.º. Daqui transitámos, em 1915, para a Calçada do Cascão, 15, 1.º, onde demorámos até 1923.

Neste ano foi comprado o terreno da Rua Joaquim Bonifácio, em que no ano seguinte foi inaugurado o belo edifício onde desde então temos a nossa sede. As obras foram orientadas pelo arquitecto Porfírio Pardal Monteiro. Ficou-nos o edifício por 638 contos, não incluindo o preço do terreno. A dedicação teve lugar no dia 29 de Novembro de 1924.

A condução da igreja de Lisboa esteve sempre a cargo do director do campo, até fins de 1945, ano em que esta responsabilidade foi confiada a Manuel Leal, que lhe passou a dedicar todo o seu tempo, até que em 1953 foi chamado a tomar a direcção da nossa escola missionária de Setúbal.

Além da sede, houve diversos locais em que, através dos tempos, se realizaram reu-



Sede do Movimento Adventista, em Lisboa.

niões publicamente anunciadas, tais como na Rua da Cruz da Carreira e no Beco do Fernandinho (Campolide), por volta de 1916; na Rua de Passos Manuel, 24, cave, por 1924; na Pampulha, de 1934 a 1937; no Alto de S. João (em casa do Irmão José Maria Henriques); na Rua de S. Lázaro (em casa do falecido Irmão Antonino de Figueiredo) e em Cascais. Há hoje dentro da igreja almas ganhas através da pregação feita nesses locais.

Em 1936, era inaugurada uma pequena sala em Cascais, que ficava na Rua Visconde da Luz, e em 1949 transitávamos para a actual sala da Rua dos Navegantes, 72, onde se reúne um fiel grupo de crentes e regularmente se continua a pregar a Mensagem.

### Porto

O trabalho foi iniciado no Porto em 1906 por Ernesto Schwantes, que ali abriu a nossa primeira sala na Rua do Bonfim, 124. A ele se referia a *Ilustração Portuguesa*, no citado artigo de 15 de Abril de 1907: «No Porto, outro apóstolo, chegado o ano passado, continua a missão.»

Não perdiam então os adventistas a oportunidade de apresentar a Mensagem. Assim, S. do Lago, escreve para o *Jornal de Notícias* daquela cidade nortenha uma



carta datada de 18 de Setembro de 1907, a propósito da escolha do Sábado como dia de repouso semanal pela Câmara de Alijó, dizendo que foi acertada essa decisão em vista de ser o dia de descanso ordenado pela Bíblia. Em 25 do mesmo mês e em 5 de Outubro, o mesmo irmão publicou novos artigos no mesmo jornal desenvolvendo as razões para a observância do Sétimo Dia.

Depois de ter partido para o Brasil, em 1909, E. Schwantes foi substituído, em 1911, por C. E. Rentfro, em cujo tempo se fez a mudança da sala de culto para a Rua da Boavista, 145, e depois para a Rua de Santa Helena, 41, mais tarde para a Rua da Firmeza, e finalmente para a Rua Latino Coelho, 265. Quando em 1917 partiu para o Brasil, o Pastor Rentfro deixava no Porto uma igreja com pouco mais de vinte membros baptizados.

Depois de João de Sá ter trabalhado perto de um ano nessa cidade, estabeleceu-se em 1917 Alberto Raposo, que ali ficou até meados de 1920, sendo substituído então por Fernando Simões.

De 1921 a 1928, trabalhou aqui José Abella, que em todos quantos o conheceram deixou a mais saudosa memória. Em 1926, contava a igreja trinta e oito membros. No seu tempo a sede mudou-se para a Rua Heliodoro Salgado.

Pouco antes de falecer, em Maio de 1928, foi substituído por Manuel Lourinho, que em meados de 1930 efectuou a mudança da sede para a Rua do Bonjardim, 472, 1.º.

Nesse ano a igreja do Porto contava quarenta e sete membros.

Em 1934, o mencionado obreiro era substituído por H. F. Neumann, que em Outubro de 1935 deu o lugar a Fernando Simões, em cujo tempo se efectuou nova mudança para a Rua Alves da Veiga, 73, 1.º.

Em Setembro de 1938, novo obreiro — Otto Ide, e nova sede — Rua de Santo Ildefonso, 376, 2.º.

De 1941 a 1945 aqui trabalhou Manuel Leal, substituído nesse ano por Marcelino M. Viegas, em cujo tempo, em Março de 1948, se efectuou a inauguração do belo edifício, nossa propriedade, em que a igreja portuense tem a sua sede, à Rua Ferreira Cardoso, 103.

Desde 1952, pastoreia a igreja do Porto José Júlio Pires.

Através dos anos, desta igreja irradiou o trabalho para diversos locais, tendo-se realizado reuniões regulares em Gaia (no tempo dos Irmãos Rentfro e Abella), Esgueira (onde em 1918 e 1919 esteve Fernando Simões como obreiro permanente, e depois, até 1935, houve mais ou menos temporariamente reuniões feitas pelo obreiro do Porto), Matosinhos (de 1936 a 1938), Viana do Castelo, Azevedo de Campanhã (no tempo do Irmão Abella), Canelas, Avintes, Oliveira do Douro, Vila Meã e Rio Tinto.

### Portalegre

Uma irmã de Lisboa, doente, chamada Cesária, foi viver para Portalegre numa dependência da igreja evangélica da Rua 31 de Janeiro, por especial deferência do falecido sr. Pedro da Silveira. Visitando-a Paulo Meyer em Junho de 1920, aquele senhor cedeu-lhe o salão da dita igreja para nela realizar algumas conferências religiosas acompanhadas de projecções luminosas. Passado algum tempo, esta porta fechava-se depois de ter sido apresentada a verdade do Sábado, mas a semente estava lançada.

Continuaram as reuniões em casa da família Lourinho, na Rua dos Silveiros, 2. Entre as primeiras quatro pessoas baptizadas em Outubro desse ano, encontrava-se o Irmão Manuel Lourinho, actual presidente da União Angolana.

Além de Rosália Pires, que ali trabalhou como obreira bíblica, pregou a mensagem em Portalegre durante pelo menos três anos João de Sá.

Em fins de 1924 e durante o ano de



Igreja do Porto



1925, residiu em Portalegre A. Dias Gomes, que abriu uma sala na Rua da Misericórdia.

Depois deste último ano, as reuniões passaram a ser feitas pelo obreiro que ia de Tomar ou de Lisboa, até que de 1928 a 1930 aqui viveu permanentemente Fernando Simões. Em 1931, veio de novo A. Dias Gomes, que passou a realizar as reuniões na Rua Primeiro de Maio e mais tarde na Rua Benvindo Ceia. Em 1933, foi substituído por Alberto Raposo, que aqui trabalhou até seguir para a Brava, em meados de 1935, seguindo-se-lhe Manuel Leal, em cujo tempo se mudou a igreja para a Rua da Sé e mais tarde para os Muros de Baixo. Em 1937, foi temporariamente substituído por Manuel Lourinho. No princípio de 1938, o falecido Irmão Joaquim Vasco, ao mesmo tempo que dirigia o trabalho da colportagem, aqui realizava reuniões de evangelização. No mesmo ano, para aqui veio Marcelino M. Viegas, que permaneceu até 1941, sendo então substituído por Otto Ide. Em 1942, voltou M. Viegas, em cujo tempo, no início de 1944, se adquiria o prédio da Rua Primeiro de Maio, 17, em que actualmente temos a sede.

Embora já por volta de 1920 a 1924 se começassem a realizar reuniões de evangelização na Ribeira de Nisa e no Reguengo, foi no tempo deste irmão que se deu maior incremento ao trabalho nestes dois locais. Daqui irradiou também o trabalho para S. Julião e Nisa, onde hoje temos duas congregações.

### Tomar

As primeiras reuniões em Tomar realizaram-se em 1923, na Rua de Leiria, 62, 2.º, [Esq.] com Fernando Simões, que naquela cidade residiu até 1928. Durante algum tempo, as reuniões fizeram-se em casa do Irmão Francisco Mouco, na Rua das Poças ou da Fábrica. Por 1925, passaram a realizar-se na Rua Torres Pinheiro, 64.

A esposa de F. Simões falava frequentemente sobre a Mensagem com a professora da sua filha Lídia, a sr.ª D. M. Emília da Silva, que finalmente se baptizou e, por volta de 1928, cedeu para ali se realizarem os nossos cultos o rés-do-chão da sua casa na Rua Dr. Madureira, 29. Havia nessa altura em Tomar uns quinze membros. Nessa casa se continuaram a realizar as nossas reuniões durante uns vinte anos.



Alguns dos primeiros crentes de Tomar

De 1928 a 1937 não houve em Tomar obreiro permanente, indo alguém dirigir as reuniões, quer de Lisboa, quer de Coimbra.

Em 1937, estabeleceu-se permanentemente nesta igreja Otto Ide, que foi substituído de 1938 a 1941 por Manuel Leal, seguindo-se Marcelino Viegas, em cujo tempo se inaugurou a sala na Rua da Fábrica, 70, onde nos encontramos actualmente.

De Tomar, realizam-se reuniões regulares nas Calçadas (onde temos um importante núcleo) e no Entroncamento (onde possuímos um edifício próprio, em que se reúnem duas vezes por semana uns quinze membros).

### Coimbra

Já em 1918 aqui tinha sido anunciada a mensagem por Joaquim Moreira.

Mas as reuniões com obreiro permanente começaram em Abril de 1934, na Rua da Moeda, 96, com Manuel Lourinho, que realizou os primeiros baptismos em Outubro de 1935. No fim desse ano era substituído por H. F. Neumann, que ali permaneceu até 1937, ano em que lhe sucedeu Karl Sommer. No tempo deste obreiro, em 1941, abriu-se a sede na Rua da Sofia, 181, onde nos encontramos hoje.

De Coimbra irradiou o trabalho para S. Martinho do Bispo, Rio de Vide, Arganil e Figueira da Foz.

### Barreiro

Por volta de 1927, A. Dias Gomes ia expor a Palavra de Deus, alguns quilómetros ao sul do Barreiro, a casa de uma irmã de Lisboa que ali vivia isolada. Entre



as pessoas que ouviram a mensagem, encontrava-se Rosa Grelhe, que passado algum tempo foi baptizada em Lisboa, e que podemos considerar como sendo o elemento humano que mais contribuiu para a fundação da igreja do Barreiro.

O primeiro impulso do seu coração convertido foi trazer outras almas a Cristo.

Para se manter, andava de porta em porta com um jumento, vendendo cal. Mas junto com a cal trazia a Bíblia Sagrada e dela falava àqueles com quem entrava em contacto. Contava-lhes a doce história de Jesus. Ensinava-lhes o caminho da salvação. Convidava-os a assistir às reuniões da nossa igreja em Lisboa. Perante a afirmação de que a viagem ficava cara, chegava a pagar a passagem a muitas pessoas.

A propósito da sua generosidade para com a causa do Evangelho, lembramos que desejou tomar a sua quota-parte na preparação de uma obreira, a quem ofereceu dois mil escudos que recebera em herança, para auxiliar os seus estudos em Collonges.

Fora especialmente dotada para tratar doentes. Tendo começado por tratamentos simples, chegou a fazer curas que maravilham. Certos dias a sua casa enchia-se literalmente de pessoas que iam receber curativos. Orava por cada uma delas, e costumava dizer que as curas não eram resultado das pomadas nem da sua sabedoria, mas do poder de Deus. E eram esses



Irmã Rosa Grelhe, uma pedra viva na fundação da igreja do Barreiro



Alguns dos primeiros crentes de Portalegre, vendo-se à esquerda o irmão João de Sá

tratamentos um meio para aproximar muitas almas de Jesus.

Teve o privilégio de levar directamente às águas do baptismo dezanove almas, além de muitas outras que aceitaram a mensagem por sua influência indirecta.

Em Agosto de 1937, fixou-se no Barreiro Lutero Simões, alugando-se uma sala na Rua 20 de Abril, 17. Diversos obreiros já passaram, com uma estabilidade mais ou menos breve, e por vezes o trabalho era feito directamente de Lisboa, até que, sendo ali obreiro Arlindo Miranda, se efectuou a mudança da sede para a Rua da Mocidade Portuguesa, 22.

Daqui irradiou o trabalho para o Seixal, onde abrimos uma sala em 1953, sendo obreiro o Irmão Manuel Laranjeira, e onde temos um grupo de quinze membros baptizados.

A igreja do Barreiro conta actualmente cerca de cem membros.

### Vila Real de Santo António

O início da Igreja de Vila Real remonta ao tempo em que a Irmã Luzia Pereira conheceu a Mensagem num esforço de evangelização realizado em Cuba (América Central) e mais tarde se baptizou em Nantes (França), ao tempo em que Paulo Meyer era o obreiro nesta cidade. Desejando ardentemente ver estabelecido o Movimento na sua terra natal, interessou diversas pessoas e pediu a ida de um obreiro.

Foi assim que em 1938 para ali foi enviado Manuel Lourinho. As reuniões, na Rua Heliodoro Salgado, 143, tiveram de ser interrompidas temporariamente, sendo depois reatadas.

Em 1945, por arranjo com o casal Pe-



reira, passámos para a nossa sede definitiva, com porta de entrada na Rua Dr. Passos, 4, e com a fachada principal para a rua mais movimentada da vila.

Daqui irradiou o trabalho para Castro Marim, Altura e Tavira, onde actualmente se está manifestando um grande interesse.

### Ribeira de Nisa

Como já referimos, a igreja da Ribeira de Nisa saiu da de Portalegre. A princípio, por 1937-39, as reuniões faziam-se numa barraca com tecto de zinco, pertencente ao Irmão Valentim, até que em 1942 se inaugurou a capela, nossa propriedade, em que actualmente nos reunimos.

Da Ribeira de Nisa irradiou o trabalho para Monte Roxo e Carris.

### Setúbal

Por volta de 1923-25, encontravam-se doentes no Sanatório do Outão uma irmã da igreja de Portalegre e uma jovem filha da Irmã Ilda Botelho, também daquela igreja, as quais falavam da sua fé a diversas pessoas, entre as quais à Professora D. Ana Temudo, ali residente. Provocaram-se visitas, tendo A. Dias Gomes oportunidade de ali fazer alguns estudos bíblicos. Por sua vez, a sr.<sup>a</sup> Ana Temudo interessou na verdade a sua amiga sr.<sup>a</sup> D. Balbina Trindade, vindo ambas a ser baptizadas por 1933.

Foi só em 1943 que em Setúbal começou a haver um obreiro permanente, com Fernando Simões, que principiou a dirigir reuniões públicas na sala onde ainda actualmente nos encontramos, na Rua Estêvão de Vasconcelos, 49.

Desde então a igreja de Setúbal desenvolveu-se rapidamente, contando hoje cento e vinte e dois membros.

### Nisa

O primeiro interesse suscitado nesta vila parece ter-se originado, por volta de 1940, numa conversa provocada pelo sentido de um emblema dos M. V., que foi visto na lapela do casaco de um dos nossos jovens. O jovem nisenense com quem se deu a conversa prometeu interessar o pai para nos ceder uma sala onde pudesse ser pregada a nossa mensagem, e assim, em 1941, fomos para a Rua Júlio Basso, 8-10, onde ainda nos encontramos.

O trabalho começou a ser feito por Marcelino Viegas, que de Portalegre ali se deslocava, até que em 1941 veio José Júlio Pires como primeiro obreiro permanente.

### Faro

Já em 1929-30 aqui estivera Fernando Simões, cerca de ano e meio.

Mas foi só em Julho de 1948 que abrimos a sala, que ainda hoje temos, na Praça Alexandre Herculano, 19, sendo obreiro Francisco Cordas. Desde então tem-se desenvolvido o trabalho sem interrupção.

Daqui vai regularmente o obreiro a Tavira, onde temos uma sala alugada com numerosa assistência, e Luz de Tavira, onde há um grupo de membros e possuímos uma casa nossa.

### S. Julião

O primeiro interesse notável suscitado em S. Julião data de 1938-39, sendo então guarda-fiscal nessa localidade o sr. João Ferreira Jacob, que veio mais tarde a baptizar-se, e obreiro em Portalegre Marcelino Viegas.

Tendo-se feito reuniões em diversos locais, adquirimos em 1952 uma casa, onde nos reunimos.

Temos ali vinte e cinco membros.

De S. Julião, irradiou o trabalho para Santo António das Areias, onde actualmente se observa um notável interesse pela Mensagem.

### Avintes

No tempo de Otto Ide, por volta de 1940, começaram aqui as primeiras reuniões, que depois foram continuadas por Manuel Leal, Marcelino Viegas e José Júlio Pires. Em 1947 foi alugada a ampla sala, uma das melhores do nosso campo, onde ainda hoje se realizam as reuniões.

Em 1952, o grupo de Avintes foi desmembrado da igreja do Porto, com vinte e três membros, aí trabalhando permanentemente primeiro Filipe Esperancinha, como estagiário, e desde 1952 Raul de Meneses, como obreiro efectivo. Esta igreja conta hoje trinta e um membros.

### Canelas

Foi também no tempo de Otto Ide que aqui principiaram as reuniões, tendo a história desta igreja seguido os mesmos passos que a de Avintes. Quer F. Esperancinha quer R. Meneses têm assistido simultaneamente a ambas as igrejas.

Em 10 de Maio de 1952, depois de vencidas muitas dificuldades, foi inaugurado o belo edifício, onde se reúne a igreja, que conta quarenta e oito membros.



# ATRAVÉS DA PÁGINA IMPRESSA

A disseminação da Mensagem Adventista não podia deixar de ser feita através da página impressa.

## Livros

Quarenta livros foram publicados pelo Movimento Adventista desde o início da sua existência no nosso País.

Ano de publicação	Número de páginas	Tiragem	Título
1907	124	?	<i>O Preceptor da Biblia no Lar</i>
1914	90	?	<i>O Glorioso Aparecimento de Cristo</i>
1921	1114	5.000	<i>A Expectativa do Mundo</i>
1922	128	40.000	<i>Epidemias—Como combatê-las (4 edições)</i>
1923	128	10.000	<i>Espiritismo ou Cristianismo</i>
1924	354	8.000	<i>Arautos do Porvir</i>
1929	360	7.000	<i>Saúde e Longevidade</i>
1930	56	10.000	<i>Manual do Baptismo</i>
1930	238	5.000	<i>Pérolas Esparsas</i>
1931	124	8.000	<i>O Futuro Império Universal</i>
1931	374	6.500	<i>Nossa Época e o Destino do Mundo</i>
1931	128	20.000	<i>Uma Verdade Desconhecida (2 edições)</i>
1931	48	7.000	<i>A Reforma do Calendário</i>
1933	136	8.500	<i>Em Busca da Verdade</i>
1933	128	8.500	<i>As Grandes Lições da Crise</i>
1934	588	6.000	<i>Guia Prático da Saúde</i>
1935	128	8.000	<i>O Próximo Conflito</i>
1935	100	8.000	<i>O Tabaco à Luz da Medicina Moderna</i>
1935	120	8.000	<i>Lobos da Sociedade</i>
1935	436	6.000	<i>A Hora mais Crítica da História</i>
1937	404	6.500	<i>Hinário Adventista (2 edições)</i>
1937	422	8.000	<i>Educação na Pré-Adolescência</i>
1938	182	8.000	<i>Harmonias da Natureza</i>
1939	168	6.000	<i>Saúde do Espírito</i>
1939	208	6.000	<i>Saúde do Corpo</i>
1940	196	8.000	<i>Aos Pés de Cristo</i>
1940	248	8.000	<i>Filhos do Macaco ou Filhos de Deus?</i>
1941	240	6.000	<i>Noções sobre a Arte de Viver</i>
1942	64	3.000	<i>Encíclica sobre a Leitura da Biblia</i>
1944	574	8.000	<i>O Médico do Lar</i>
1945	392	5.000	<i>As Profecias do Apocalipse</i>
1946	192	10.000	<i>Crepúsculo ou Aurora?</i>
1947	208	7.000	<i>Como Funciona a Nossa Mente</i>
1949	224	5.000	<i>Basta o Amor?</i>
1950	288	6.000	<i>O Conselheiro Médico</i>
1951	212	10.000	<i>Nós e Nossos Filhos</i>
1952	256	10.000	<i>Aspectos da Idade Atômica</i>
1953	240	11.250	<i>O Bebê</i>
1953	128	11.250	<i>Crianças e Animais</i>
1954	224	8.000	<i>A Vida e seus Problemas</i>

## Folhetos

Além destes livros, numerosos folhetos foram publicados, alguns com repetidas edições. Mencionaremos os seguintes:

*Marcos Miliários no Caminho da Vida*, 1910, 16 págs.

*O Segredo da Saúde*, 1911, 48 págs. (2 edições).

*Queríamos ver Jesus*, 1911, 16 págs.

*Sinais dos Tempos*, 1911, 16 págs.

*A Guerra Universal e o Destino das Nações*, 1913, 32 págs. Este folheto teve cinco edições, aparecendo a última com o seguinte título: *A Paz Universal e o Destino das Nações*. (30.000 exemplares).

*O Espiritismo*, 1919, 16 págs.

*Vinde a Mim*, 1922, 16 págs.

*Cristo Volta na Nossa Geração*, 1923, 48 págs. (3 edições).

Em 1932, saiu uma série de 18 folhetos, sem título geral, de 8 páginas cada.

Esta série foi substituída em 1936, por outra em formato maior, intitulada *Verdades Eternas*, de 20 folhetos, cada um dos quais em geral com 4 páginas.

Em 1947 começou a ser publicada uma nova série, de 22 folhetos, pequenos, de 16 páginas, igualmente intitulada *Verdades Eternas*, de cujo conjunto se publicaram já para cima de 500.000 exemplares.

## Publicações periódicas

A mais antiga revista adventista que se publicou em Portugal foi *Os Sinais dos Tempos*. Os primeiros números, poucos, saíram sem data, espasmódicamente, de 1911 a 1915. Voltou depois a publicar-se, saindo também irregularmente, com o subtítulo «Revista Profética Portuguesa», durante os anos de 1923 a 1925.

De 1932 a 1937 publicou-se, primeiro em formato de revista e depois como jornal, o *Mensageiro do Advento*. Saíram ao todo 21 números. Em 1938 e 1939 seguiram-se três números da *Revista Adventista*.

Em Maio de 1940 a *Revista Adventista*, como órgão da União Portuguesa, começou a sua publicação regular, que se tem mantido até ao presente.

Em 1942 iniciou-se a publicação da revista *Saúde e Lar*, a princípio trimestral, depois bimestral e, desde 1953, mensal.



## Missão da Madeira

Há uns trinta anos, o Irmão W. E. Howell, dirigindo-se à África do Sul, parou no Funchal, e, sentindo-se tocado pelas necessidades espirituais da Madeira, ali mesmo, numa colina sobranceira à cidade, escreveu um artigo para a *Review and Herald*, apelando para que alguém anunciasse a Mensagem naquela ilha.

Nessa altura, vivia nas ilhas Hawai um adventista madeirense, Joaquim Gomes da



Funchal — Nossa propriedade, onde se encontra a sede da Missão

Silva, que leu o artigo, e se sentiu vivamente impressionado a responder ao apelo. Em 1930 para ali se dirigiu, a fim de realizar o trabalho de colportagem, não só conseguindo fazer uma larga sementeira de livros mas despertar o interesse pela Mensagem. Outros colportores se seguiram depois, até que em Março de 1931 se instalou no Funchal o primeiro obreiro adventista, o Irmão E. P. Mansell, que por meio de literatura, estudos bíblicos e reuniões públicas organizou uma metódica campanha de evangelização. Em 29 de Julho de 1932 eram baptizados os primeiros crentes — catorze almas.

De 1934 a 1941, aqui passou a trabalhar o Irmão E. P. Hermanson. A igreja reuniu-se sempre em salas alugadas, até que nesta última data foi adquirida uma bela propriedade, na Rua João de Deus, 7, onde passou a estar a sede da Missão, a escola primária e o edifício da igreja.

Aqui trabalharam: de 1941 a 1943, Alberto F. Raposo; de 1943 a 1949, Pedro B. Ribeiro; de 1949 a 1951, Manuel Lourinho; de 1951 a 1953, Marcelino M. Viegas; e desde 1953, Manuel Miguel.

No início deste ano, depois de expropriada a nossa sede, foi adquirida uma nova propriedade na Rua Conde de Carvalho, cujo edifício, devidamente adaptado, tentamos inaugurar no início de 1955.

## Missão dos Açores

A Mensagem adventista penetrou nos Açores em 1931 por intermédio da colportagem. O primeiro obreiro enviado foi E. P. Mansell, em 1934, que dirigiu o trabalho até 1940, ano em que foi substituído por M. Lourinho, sucedendo-lhe em 1949 João A. Esteves que, tendo sido nomeado director da Missão de Moçambique, foi substituído em Julho de 1952 por Samuel dos Reis.

Em cada um dos distritos do Arquipélago — Ponta Delgada, Angra e Horta (a que pertence o Pico) — temos a obra estabelecida.

### Ponta Delgada

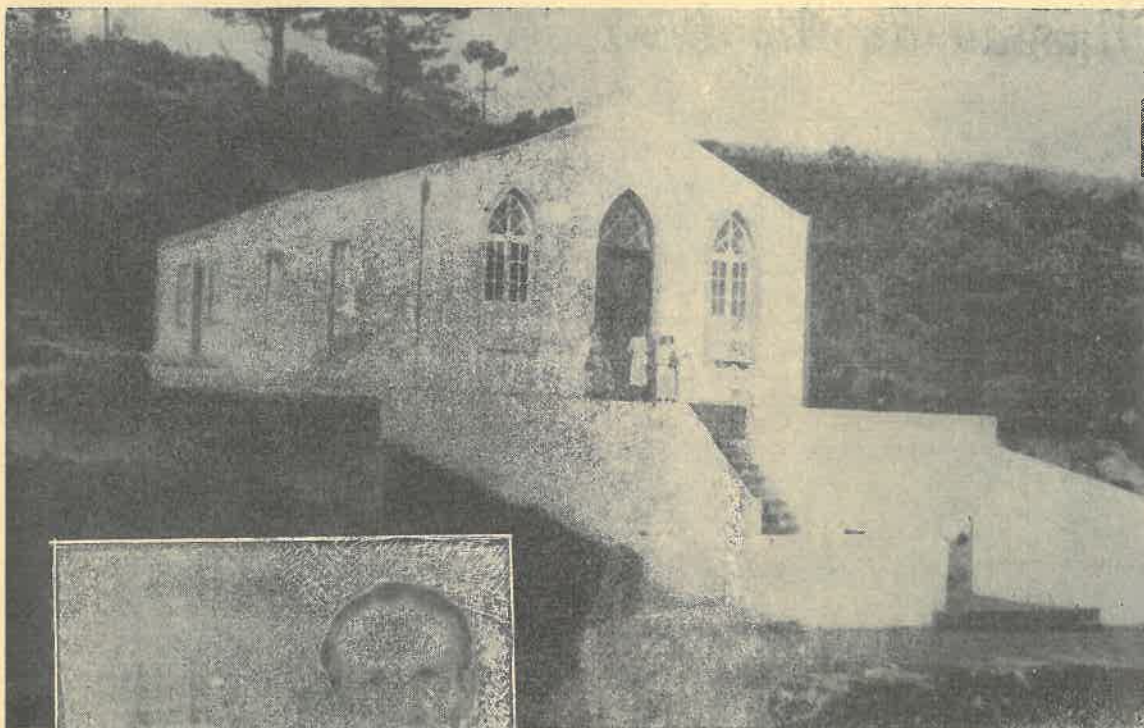
Suscitado o interesse pelo trabalho dos nossos colportores, começou a reunir-se um pequeno núcleo em casa da Irmã Maria da Glória Soares, onde se estudava a Escola

Sabatina. Mais tarde, em Setembro de 1934, desembarcava em Ponta Delgada E. P. Mansell, vindo da Madeira, que alugou uma sala no centro da cidade, por cima



Grupo das Flores (Açores)





A igreja do Pico, vendo-se, em baixo, o Casal Madsen



### Pico

Vive na América uma crente picoense, a Irmã Lídia Madsen, alma verdadeiramente missionária, que não descansou até que o Pico tivesse o conhecimento do Evangelho. E assim, em 1947, veio até à sua ilha natal, onde passou cinco meses, sendo incansável em bem-fazer e em anunciar a mensagem. Como resultado, surgiu o trabalho no Pico.

Não contente com o que havia feito pessoalmente, construiu à sua custa em Santo António uma igreja, que ofereceu ao Movimento, e que é o único edifício não-católico com forma de templo existente em todo o arquipélago dos Açores. Os primeiros batismos realizaram-se em 1949.

Além das reuniões em Santo António, temos reuniões regulares no Cais do Pico e nos Fetais da Piedade, onde reside um entusiástico grupo de membros.

O obreiro do Pico desloca-se também semanalmente à Horta, Faial, onde se reúne um grupo de atentos ouvintes e onde temos uma irmã baptizada.

### Flores

Há cerca de vinte anos uma senhora católica desta ilha comprara na América alguns livros adventistas em português, en-

do Consulado Britânico. Em 12 de Dezembro do ano seguinte baptizavam-se as seis primeiras almas.

E. P. Mansell foi substituído por Manuel Lourinho em 1940, que, por sua vez, em 1948, deu lugar a Manuel Miguel. No princípio de 1952, tendo ficado decidido que voltasse para esta cidade a sede da Missão, para aqui veio João Esteves, que, como lemos acima, foi substituído por Samuel dos Reis. Em 1953 foi inaugurada a nova sede, num belo edifício alugado na Rua Machado dos Santos, 4.

Temos membros espalhados por diferentes locais da ilha, com reuniões regulares em salas alugadas na Relva e no Pico da Pedra.



tre os quais «A Nossa Época e o Destino do Mundo», de W. Spicer. Vindo de visita aos seus, deu-os, sem nunca os ter lido, a um parente, Laureano Inácio Cardoso, que aceitou a verdade do Sábado, embora não soubesse que havia um povo que o guardava. Tendo este senhor mais tarde conhecimento de que a igreja adventista observava o Sábado, entrou em contacto com o Pastor Manuel Lourinho, que o foi visitar, vindo a ser baptizado em 1947.

Hoje o grupo das Flores conta oito membros baptizados que, naquela ilha longínqua, constituem outros tantos atalaias do Evangelho do reino.



Um aspecto das Flores (Açores)

### Angra do Heroísmo

O conhecimento da mensagem nesta ilha data de 1937, ano em que um colportor entrou em contacto com o Irmão José Mendes de Sousa, que há muito ansiava pelo conhecimento da verdade e prometera a Deus seguir a igreja que observasse a verdadeira lei de Deus, e que veio a baptizar-se com mais cinco membros em 1942.

O primeiro obreiro a residir na Terceira foi Samuel dos Reis, que justamente acabava de chegar, sendo em 1945 substituído

por Lutero Simões. Em meados de 1948 estabelecia-se em Angra Manuel Lourinho, sendo substituído em Outubro de 1949 por João Esteves, até que em Fevereiro de 1952 veio o actual obreiro, Vítor Martinez.

A sala de Angra, na Rua 5 de Outubro, 14, convida como poucas ao recolhimento e à oração. Além do trabalho na cidade, realizam-se reuniões regulares em Porto Santo e nas Lagens, onde parecem apresentar-se perspectivas animadoras.

## Missão de L. Verde

Em 1953, o Irmão António J. Gomes, natural da Brava e residente na Califórnia, visitou a sua ilha natal, partilhando a fé durante os sete meses que ali permaneceu. O interesse criado motivou o envio, em 1953, de Alberto F. Raposo, que esteve à frente da Missão de Cabo Verde até 1941, data em que foi substituído pelo Pastor João Esteves, sucedendo-se-lhe, em 1949, o Pastor Francisco Cordas, actual director.

A Missão conta 218 membros baptizados, que vivem nas ilhas Brava, Fogo, S. Tiago, S. Vicente e Santo Antão. Encontram-se alguns na Guiné, aguardando que o nosso trabalho se inaugure ali.

### Brava

Como já referimos, o nosso primeiro missionário, A. F. Raposo, seguiu para essa ilha em 1935, sendo sucedido em 1941 por J. Esteves, em 1943 por Gregório Rosa, em 1948 por Arlindo Miranda e em

1949 pelo actual obreiro, João de Mendonça.

O maior número de membros encontram-se em Nossa Senhora do Monte, onde temos edifício próprio, construído na sua maior parte a expensas do Irmão A. J. Go-



Igreja de S. Vicente (Cabo Verde)



mes, da Califórnia.

Temos anexa uma escola primária, onde a professora Irmã Maria Rosa tem realizado uma notável obra de educação.

Na vila, onde reside o obreiro, temos também alguns membros e uma boa sala alugada.

### Fogo

Um trabalho muito prometedo está sendo levado a efeito nesta ilha.

O primeiro interesse manifestou-se por volta de 1942, na Ribeira do Ilhéu. O trabalho, porém, de uma maneira metódica começou em 1944, data em que João A. Esteves se estabeleceu em S. Filipe. Em 1946, seguiu-se-lhe Arlindo Miranda e em 1948 Gregório Rosa, que ali se encontra presentemente.

Em S. Filipe temos uma bela casa alugada, que serve simultaneamente para habitação do obreiro e para sala de cultos.

O nosso maior núcleo de crentes encon-

tra-se no Curral Grande, no interior da ilha, onde a sala que temos se vai tornando pequena só para os membros.

Temos actualmente no Fogo 106 crentes baptizados.

### Praia

Foi em 1946 que ali se estabeleceu o Irmão Esteves, sendo substituído em 1949 pelo Irmão Francisco Cordas e em 1952 pelo Irmão Filipe Esperancinha.

Temos um amplo edificio alugado, com uma atraente sala de culto e uma florescente escola, dirigida pela Irmã Rita Esperancinha.

### S. Vicente

É esta a mais nova das nossas igrejas de Cabo Verde, tendo tomado notável incremento desde que ali se estabeleceu o director da Missão, Francisco Cordas, em 1952. Foi então aberta uma sala, num local central da cidade.

## O Movimento Adventista em Portugal nos passados 50 anos

(Continuação da página 8)

composição: Presidente, António Dias Gomes; Secretário-Tesoureiro, Pedro Brito Ribeiro; Vogais: Alberto F. Raposo, E. V. Hermanson, Manuel Leal, José Freire e Manuel Lourinho. Desde essa altura, até fins de 1943, ficou como presidente da Conferência Portuguesa E. V. Hermanson, actualmente em Angola.

A. Dias Gomes, depois de largos e profícuos anos de serviço neste campo, foi chamado em meados de 1950 para a Divisão Sul-Europeia, onde exerce os cargos de secretário de campo e secretário do Departamento da Escola Sabatina. Passou, desde então, a substituí-lo, como presidente da União, E. Ferreira.

Durante os transactos cinquenta anos de actividade, o progresso do nosso Movimento exprime-se pelos seguintes números:

	Portugal	União
1904 .....	2 membros	
1910 .....	21 »	
1920 .....	112 »	
1930 .....	226 »	
1940 .....	506 »	668 membros
1950 .....	1.014 »	1.557 »
1954 (3.º trim.)	1.320 »	2.003 »

Ao olharmos para o que tem sido realizado até ao presente, temos motivos para nos sentirmos gratos pela maneira como Deus tem estado conosco. Mas cumprenos reconhecer, também, que tem sido pouca a nossa fé e demasiado modestos os nossos esforços e muito mais há a realizar para estarmos à altura da missão que Deus confiou ao nosso Movimento.

Oxalá que em breve a Mensagem do Terceiro Anjo seja comunicada no nosso campo com o poder e a rapidez de que é digna.



Igreja de Canelas



## Missão de S. Tomé

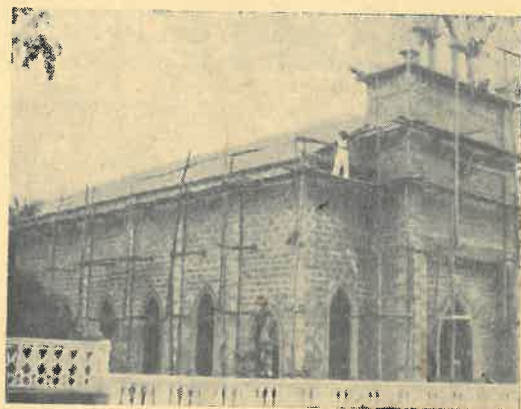
Estabelecido através da colportagem o primeiro contacto em 1936, foi dois anos depois que para aqui veio o primeiro missionário, José Freire. Em Fevereiro de 1939, W. R. Beach visitava a ilha e celebrava os primeiros baptismos. Em 1941, chegou José Simões Grave, que aqui trabalhou até 1947, ajudado desde o fim de 1943 a meados de 1945 por Arlindo Miranda.

Em Setembro de 1947 chegava a S. Tomé Eliseu Miranda, que desde essa data se encontra à frente do trabalho nesta Missão. De Fevereiro de 1951 a Maio de 1952 foi auxiliado por José Abella, infelizmente obrigado a regressar à Metrópole por grave doença de seu filho.

Em 1950 fez-se o censo da população, verificando-se com grande surpresa que 953 pessoas declararam pertencer à igreja adventista. Embora nesse data se encontrassem como serviçais nas roças muitos adventistas vindos de Angola, numerosas pessoas declaram pertencer à igreja adventista sem serem membros baptizados. Temos actualmente nesta Missão 225 membros.

Na cidade, temos um imponente edifício, propriedade nossa, onde se encontra instalada a sede da Missão. Tem anexa uma linda escola, estando actualmente em construção um amplo edifício para igreja.

Além do trabalho feito na sede, temos o trabalho aberto na Trindade, com o catequista Aníbal de Castro, e no Príncipe, com o catequista Atanásio Cupertino. Prega-se também a mensagem no Bombom, em Santo Amaro, no Caixão Grande, em Santana e nas Almas.



S. Tomé — Nova igreja em construção

Uma das actividades mais conhecidas da nossa Missão é a sua Escola Primária.

Tendo começado a funcionar com alvará em 1946, no tempo da Irmã Capitulina Grave, o seu alvará actual está no nome do Irmão José Augusto, uma verdadeira vocação de professor.

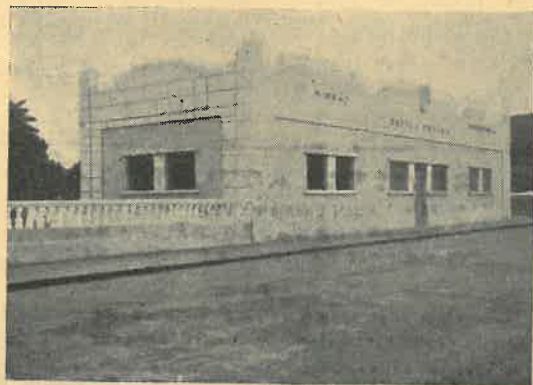
Os seguintes números elucidam suficientemente acerca do âmbito de influência desta escola:

Ano lectivo	Alunos inscritos	Passagens de classe	Aprovados nos exames
1946-47	55	4	2
1947-48	36	15	9
1948-49	66	22	18
1949-50	144	58	43
1950-51	219	65	58
1951-52	222	24	45
1952-53	275	50	11
1953-54	319	79	66

Muitos destes alunos tornaram-se membros de igreja, e em todos a influência da Mensagem deve ter-se feito sentir.



Edifício do Seminário Adventista, em Setúbal



S. Tomé — Escola primária



## O PIONEIRO RENTFRO

## Aguardando a ressurreição

*(Continuação da página 5)*

Em Abril de 1917 o Pastor C. E. Rentfro e sua família foram transferidos para o Brasil, América do Sul. Ele foi director da Missão Mineira, e depois da Pernambucana. Também foi professor de Bíblia e de História no Colégio Adventista em São Paulo. Em 1924 regressaram todos (depois de vinte anos em terras de além-mar) à América por motivos de saúde e para que os filhos pudessem continuar os seus estudos superiores. Depois de servir como pastor e chefe de distritos em várias associações nos Estados Unidos, aposentou-se em 1938.

Nestas linhas honramos os pioneiros e fiéis directores da missão e da união portuguesa, e outros que serviram bem a obra de Deus em Portugal, a saber:

C. E. Rentfro; Paul Meyer; J. C. Guenin; H. W. Lowe; H. F. Neumann; A. Dias Gomes, baptizado por C. E. Rentfro em 1914; e E. Ferreira. Também desejamos lembrar aos nossos colegas do Brasil, E. P. Mansell e E. V. Hermanson, que trabalharam na ilha da Madeira e em Portugal, e ultimamente o primeiro em Moçambique, e o segundo em Angola, as duas colónias portuguesas na África.

Nas palavras do apóstolo aos Hebreus cerramos este informe do 50.º aniversário da obra adventista de Portugal com estes textos:

«E todos estes, tendo tido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa: provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles sem nós não fossem aperfeiçoados.» E por eles Deus levou muitos a Cristo pois «em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do Céu, nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos.»

*Carlos A. Rentfro*



Eduardo da Silva Pinto

Vitimado por dolorosa e longa enfermidade, descansou no Senhor, em 17 de Setembro, o Irmão Eduardo da Silva Pinto. Nascido em 18 de Junho de 1916, foi baptizado em 22 de Agosto de 1942. Passado um ano na colportagem, ingressou no Seminário de Portalegre, onde estudou de 1944 a 1947. Neste mesmo ano começou a trabalhar como estagiário, na Madeira, onde colaborou na evangelização durante três anos. Depois de mais uma curta passagem pela escola (1950-51), dirigiu a igreja de S. Julião de 1951 a 1953, daqui transitando, nesse ano, para a de Vila Real, que pastoreou até à data da sua morte. Foi sempre notado pela sua sinceridade e zelo missionário, constituindo a sua vida uma inspiração para todos quantos o conheceram. As suas últimas palavras foram de fé no Salvador e de esperança na ressurreição. Deixa viúva a Irmã Cristina Pinto, com dois filhinhos, a quem apresentamos as nossas sentidas condolências.

**REVISTA ADVENTISTA**

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO  
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA  
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA  
ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,  
E. Ferreira, M. Lourinho, E. Miranda, S. Reis e  
M. Miguel.

**PUBLICAÇÃO MENSAL**

Cont., Ilhas e Províncias Ultramarinas  
Número avulso ..... 1\$50  
Assinatura anual ..... 15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.  
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA